

E-BOOK

Desencaixei!

Pedagogia e Prática na Palhaçaria Feminista



Circo di SóLadies | Nem SóLadies

Kelly Lima • Theo Oliveira • Verônica Mello

★
São Paulo, 2026

Conteúdo baseado na live do Circo di SóLadies | Nem SóLadies
Palhaça Feminista Existe? | Pedagogia na Palhaçaria

1ª Edição



LEIA ESTA PÁGINA ANTES DE TUDO!

CIRCO di
NEM
SÓLADIES

● Nota do Circo di SóLadies | Nem SóLadies ●

Sobre sustentabilidade artística e apoio mútuo

Se você está lendo esta página, provavelmente está prestes a mergulhar em um assunto que atravessa **arte, humor, política** e algumas boas perguntas sem resposta pronta.

Antes de começar, queremos te contar uma coisa: este e-book não nasceu do nada. Ele é resultado de anos de pesquisa e muitas tentativas - algumas brilhantes, outras nem tanto.

Acreditamos que **conhecimento não deve ficar guardado em gavetas**. Acreditamos também que quem **pesquisa, escreve, cria e compartilha conhecimento precisa ter condições de continuar fazendo isso**. Por isso, ao adquirir este material, você não está apenas acessando um conteúdo. Você está contribuindo para que artistas, pesquisadoras/es e criadoras/es possam seguir produzindo arte. E, ao mesmo tempo, sabemos que acesso à cultura e à formação não deveria ser privilégio de quem pode pagar mais. É uma tensão real. E tentamos lidar com ela da forma mais honesta possível.

✨ Se esse material fizer sentido para você, aqui estão algumas formas de fortalecer essa rede:

- 1. Compartilhe a existência deste e-book:** Indique para pessoas, coletivos, escolas, grupos de estudo, artistas e educadoras que possam se interessar pelo tema.
- 2. Espalhe as ideias:** Compartilhe trechos, cite as referências, marque a gente nas redes. Quanto mais essa conversa circula, mais ela cresce.
- 3. Estude em grupo:** Acreditamos que conhecimento floresce melhor quando encontra outras pessoas. Reúna colegas, amigas, coletivos ou turmas para ler, discutir e experimentar os exercícios juntos.
- 4. Leve o conteúdo para outros espaços:** Se você atua com educação, arte, pesquisa ou formação, utilize este material como apoio para suas atividades, citando a autoria e as referências.
- 5. Ajude a ampliar o acesso:** Se tiver condições, considere apoiar iniciativas culturais independentes, grupos comunitários e projetos que trabalham com arte, educação e transformação social.

🧠 Para onde vai o valor arrecadado com este material?

Ele ajuda a sustentar:

- Pesquisas sobre palhaçaria feminista e comicidade produzidas por mulheres e corpos dissidentes;
- Criação de novos materiais educativos, artísticos e de documentação;
- Remuneração de pessoas colaboradoras envolvidas nos processos de escrita, revisão e pesquisa;
- Ações formativas, oficinas, grupos de estudo e atividades gratuitas ou de baixo custo;
- A manutenção do acervo e das atividades do Circo di SóLadies | Nem SóLadies.

Uma última coisa: Se você gostou deste material, compartilhe a ideia - não o arquivo.

A circulação do conhecimento é importante. A sustentabilidade de quem produz também. Acreditamos que é possível construir as duas coisas juntas. E você?

⚠ **Este e-book é um material pago, se caso você o adquiriu sem pagar por ele:**

- não envie esse material sem ser pelos meios oficiais
- compartilhe o link do e-book pra que mais gente possa comprar:

<https://go.hotmart.com/Y106712343L?dp=1>

- ajude a divulgar o nosso trabalho

Aproveite e nos **siga em nossas redes sociais:**

✉ circodisoladies@gmail.com

📱 Instagram: [@circodisoladies](https://www.instagram.com/circodisoladies) | Youtube: [/circodisoladies](https://www.youtube.com/circodisoladies)

Agora sim!!! Bora pra próxima página?

A conversa está só começando.

◆ Circo di SóLadies | Nem SóLadies ◆



Índice

Antes de Começar

- Nota do Circo di SóLadies | Nem SóLadies 2
Sobre o Grupo 4
Introdução — Por que falar em Palhaçaria Feminista? 5

Conceitos

- Capítulo 1 — Desmistificando o Feminismo na Arte 8
1.1 Os mitos como arma de controle 9
1.2 O patriarcado como estrutura — Márcia Tiburi 10
1.3 O sexismo institucionalizado — bell hooks 11
Atividade Prática — Mapeamento de Mitos 11
Pausa para Conversar 12

Capítulo 2 — A Tríade da Criação e o Código do Riso 13
2.1 Dramaturgia — o que a cena diz sobre o mundo 14
2.2 Pedagogia — o processo de aprendizado 15
Curiosidade Histórica — O nariz vermelho não é a origem de tudo 16
2.3 Direção — como o olhar é guiado 17
Atividade Prática — Análise de Cena 17
Pausa para Conversar 18

Metodologia

- Capítulo 3 — O Conceito "Caixa" e as Amarras das Normas Clássicas 19
3.1 A ditadura das habilidades técnicas clássicas 21
3.2 O que a palhaçaria feminista reconhece como técnica 22
3.3 A interseccionalidade na cena — análise do espetáculo Choque-Rosa 22
3.4 Mas o que há de problemático na palhaçaria clássica? 23
Atividade Prática — Mapeamento da Caixa 25
Pausa para Conversar 26

Capítulo 4 — A Metodologia da Colcha de Retalhos 27
4.1 As quatro camadas da colcha 28
4.2 Costurando em coletivo — a horizontalidade no aprendizado 29
Curiosidade Histórica — As colchas de retalho 30
Atividade Prática — Meu Retalho 31
Pausa para Conversar 32

Prática

- Capítulo 5 — Guia Prático para Oficinas e Criação de Cenas 33
5.1 O não-uso da humilhação como dispositivo pedagógico 34
5.2 Acolhimento, vulnerabilidade e escuta ativa 35
5.3 O formato espiral — aprendizado não-linear 35
Atividade Prática — Checklist de criação de cena 36
5.4 Algumas dicas para começar a criar seu processo 37

Fechamento

- Conclusão — #Desencaixei 40
Referências Bibliográficas 41
Leituras Complementares Recomendadas 42



Sobre o Grupo

O **Circo di SóLadies | Nem SóLadies** é um coletivo paulistano que há 13 anos leva arte, humor e crítica social para diferentes públicos. Nascemos do incômodo com a ausência de mulheres e corpos dissidentes na comichidade e na palhaçaria e seguimos acreditando que o riso é um caminho potente para provocar reflexão e transformação. Desde o início criamos esquetes, intervenções e espetáculos autorais, utilizando o jogo cênico, o improviso, a música e estudos teóricos sobre feminismo como bases para se conectar com o público.

Formado hoje por **Kelly Lima (Palhaça Greice)**, **Theo Oliveira (Palhace Augustine)** e **Verônica Mello (Palhaça Úrsula)** o grupo vem se consolidando como uma das referências na comichidade que questiona padrões de gênero, apostando no riso como dispositivo de pensamento crítico.

Seu espetáculo "**Choque-Rosa ou Com que Armas Lutamos?**" narra a história de quatro palhaças que, diante do sumiço de uma amiga, precisam se aventurar no "FORA" - um lugar proibido para mulheres. A montagem une palhaçaria feminista e técnicas circenses para valorizar o protagonismo, o poder e a força de mulheres e de pessoas com identidades dissidentes de gênero e de sexualidade.

FICHA TÉCNICA — CHOQUE-ROSA

Direção: Luciana Viacava | Assistente de Direção: Lays Somogyi | Elenco: Mariana Procópio, Vitória Maia, Theo Oliveira e Verônica Mello | Stand in: Kelly Lima e Loi Lima | Dramaturgista: Maria Fernanda de Barros Batalha | Co-Autoria de Dramaturgia: Lui Castanho | Compositora de Trilha Sonora: Dani Nega | Provocadora Corporal: Sheila Areas | Preparadora Vocal: Naruna Costa | Cenógrafa: Mariana Chiarello | Cenotécnicas: Thays do Valle e Lua Nucci | Figurinista: Nagila Sanches | Criação de Luz: Leandra Demarchi | Operadora de luz: Luz López | Operação de Som: Lays Somogyi

Introdução

Introdução: Por que falar em Palhaçaria Feminista?



ESTE E-BOOK NÃO É UMA CAIXA

Olá, antes de começarmos a conversar sobre conceitos, teorias ou exercícios, queremos te convidar a se aproximar.

Este e-book surge de uma conversa, de uma live¹, de anos de pesquisa, de momentos em salas de ensaio, oficinas, tropeços, gargalhadas, desacordos, silêncios, cenas que deram certo, cenas que deram errado e cenas que ainda tentam descobrir o que querem ser quando crescerem.

Ele também surge de uma pergunta que acompanha o **Circo di SóLadies | Nem SóLadies** há muito tempo: **o que acontece quando a palhaçaria encontra o feminismo não como um tema decorativo, mas como uma forma de ver o mundo?**

Não temos uma resposta pronta. Afinal, **uma metodologia feminista não é uma receita de bolo nem um manual que diz: “palhaçaria se faz assim”**. A lógica patriarcal prefere verdades absolutas e alguém no centro dizendo: “Eu sei; vocês aprendam”. **Nossa pesquisa busca outro caminho: mais coletivo, aberto a contradições e mais vivo.**



Por isso, este material **não pretende ensinar “o jeito certo”** de fazer palhaçaria. Ele quer abrir um diálogo, compartilhar ferramentas e fazer perguntas. Quer inspirar você a olhar para a cena, o riso e a pedagogia de forma crítica e política.

Quando falamos em palhaçaria feminista, não estamos falando de uma palhaçaria “contra” alguém. Não é contra o circo, o humor, os homens cis ou a tradição. É contra o riso que humilha.

Questionamos a estrutura que transforma alguns corpos em motivo de riso e as cenas que repetem a violência e depois chamam isso de “brincadeira”.

1 CIRCO DI SÓLADIES | NEM SÓLADIES. Palhaça feminista existe? | Pedagogia na palhaçaria. [S. 1]: YouTube, 2023. 1 vídeo. Acesso em: 9 jun. 2026.

O que nos interessa é pensar um riso que revela o absurdo das estruturas opressoras. Um riso que olha para o machismo, para o racismo, para a cisheteronorma, para o capacitismo e diz:



Este e-book é um convite para você entender, explorar e questionar a sua própria caixa. Aquela que disseram que você precisava caber. Aquela que ensinou como seu corpo deveria se mover, falar, calar, agradar, performar, obedecer. Aquela que talvez tenha feito você acreditar que não tinha graça nem técnica suficientes para fazer palhaçaria.



Queremos te dizer uma coisa:
talvez o problema nunca tenha sido você.
Talvez o problema seja a caixa.

Ao longo destas páginas, **vamos falar sobre feminismo, pedagogia, dramaturgia, direção, criação de cena, vulnerabilidade, escuta, presença e riso**. E mais do que oferecer respostas, queremos fazer perguntas. Perguntas que possam caminhar com você para a sala de ensaio, a oficina, o palco, a rua e a vida.

Leia este material com liberdade. Anote, discorde, volte, pule, respire, teste. Use como inspiração. A palhaçaria feminista não nasce da obediência, mas do encontro entre arte e política. Ela envolve pensamento, desejo, contradição e coragem.

Antes de começar esse nosso diálogo, temos uma pergunta: **de qual caixa você precisa e quer sair? Des.encaixar?**



PONTO DE REFLEXÃO

Palhaçaria Feminista é uma prática artística, política e pedagógica que usa o riso para **questionar** estruturas de opressão e **não** para **reforçá-las**.



Ao longo da história, o humor e os palcos de circo seguiram lógicas patriarcais, colocando o corpo da mulher cis como objeto ou suporte do riso alheio. A palhaçaria também faz parte desse cenário e, muitas vezes, foi um dos lugares onde a humilhação de pessoas com corpos dissidentes se tornou muito comum.

A Palhaçaria Feminista não é um movimento para excluir, mas sim uma resposta à exclusão histórica já existente. O principal objetivo é buscar igualdade de direitos e criar novos espaços nos quais identidades diversas, como mulheres cis, pessoas trans, pessoas negras, pessoas com deficiência e pessoas LGBTQIAPN+, possam existir, criar e resistir usando o riso.

Essa distinção é crucial: o feminismo não é contra o humor, não é contra os homens, não é contra o circo. Ele é contra a estrutura que usa o humor como arma de controle, que usa o riso para silenciar, para diminuir, para manter corpos em seu "lugar".



"O feminismo pode ser definido como o desejo por democracia radical, voltado à luta por direitos de todas, todes e todos que padecem sob injustiças sistematicamente armadas pelo patriarcado."

Márcia Tiburi | *Feminismo em Comum*, 2018, p. 11²



Esse é o ponto de partida para toda a pedagogia e criação artística do Circo di SóLadies | Nem SóLadies. Não queremos apresentar um manual de como **"fazer palhaçaria feminista" do jeito certo, mas sim convidar você para um** processo de desconstrução e reconstrução: do olhar, do corpo, da cena e das relações de aprendizagem.

2 TIBURI, Márcia. *Feminismo em comum: para todas, todes e todos*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos (Editora Record), 2018. 126 p.

Capítulo 1

Desmistificando o Feminismo na Arte

Para criar e ensinar a palhaçaria feminista, o primeiro passo é desarmar os mitos construídos pelo patriarcado para silenciar as/es artistas e afastá-las/les do movimento feminista. Esses mitos não são ingênuos: operam como estratégias de controle, desqualificando a posição política de quem ousa questionar a estrutura.



1.1 Os mitos como arma de controle

Os estereótipos mais comuns aplicados a mulheres feministas — "odeiam homens", "são mal-amada", "não se cuidam", "não têm senso de humor" — não surgem espontaneamente. São narrativas construídas e disseminadas para gerar rejeição ao movimento antes mesmo de uma pessoa conhecê-lo de fato.

No contexto artístico, essa operação assume formas específicas: a pessoa palhaça que questiona a estrutura é chamada de "chata", "ideológica demais" ou "sem graça". O riso que provoca reflexão é desqualificado. Esses julgamentos funcionam para manter a hegemonia de um determinado tipo de humor — aquele que não perturba, que não desloca, que confirma as hierarquias existentes.



PONTO DE REFLEXÃO

Quando você já ouviu a frase "**isso é militância, não arte**"? Quem costuma dizer isso, e sobre qual tipo de arte? Esse julgamento se aplica de forma igual a todos os corpos e todas as estéticas?



1.2 O patriarcado como estrutura - Márcia Tiburi

A filósofa Márcia Tiburi oferece uma das definições mais acessíveis e precisas para compreender o que é o patriarcado e por que o feminismo existe como resposta a ele. Para Tiburi, patriarcado é uma estrutura social profunda, que organiza o poder a partir da dominação masculina e está enraizada nas instituições, linguagens e práticas culturais; não se limita a atitudes individuais machistas.

Essa estrutura favorece determinados corpos e sujeitos em detrimento de outros, operando por meio de privilégios e de violência — simbólica e física. Ela define o que é "normal", "natural", "legítimo". E, ao fazê-lo, torna invisíveis ou patológicas todas as experiências que não se encaixam nessa norma.

O patriarcado tem por estrutura a crença em uma verdade absoluta, que sustenta a ideia de haver uma identidade natural, dois sexos considerados normais, a diferença entre gêneros, a superioridade masculina, a inferioridade das mulheres.

— Márcia Tiburi | Feminismo em Comum, 2018, p. 14

No campo artístico, essa estrutura se manifesta quando certos estilos, habilidades e linguagens são considerados o "padrão". Qualquer desvio desse padrão precisa ser justificado para ser reconhecido como arte legítima. A palhaçaria feminista rejeita essa lógica.



1.3 O sexismo institucionalizado - bell hooks

A intelectual e ativista *bell hooks*³ vai além da crítica ao patriarcado individual para analisar como o sexismo opera de forma sistêmica — nas instituições, nas políticas, nas práticas pedagógicas. Para *hooks*, aproximar-se do feminismo de forma radical e real significa compreender que não basta mudar comportamentos individuais: é preciso questionar as estruturas que os produzem.

Essa perspectiva é fundamental para a palhaçaria feminista porque desloca a questão de "como me comporto em cena" para "quais estruturas determinam o que é considerado bom, certo e legítimo na cena".

O feminismo é um movimento para acabar com o sexismo, a exploração sexista e a opressão.
bell hooks | O Feminismo é para Todo Mundo, 2018, p. 13

Atividade Prática Mapeamento de Mitos

Liste 3 frases que você já ouviu sobre feministas. **Para cada uma, responda:** de onde vem esse discurso? A quem interessa que se acredite nisso? O que essa frase tenta proteger?



Leve essa análise para a sala de ensaio, pra palhaçaria e para a vida.

³ HOOKS, bell. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. Tradução Ana Luiza Libânio. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos (Editora Record), 2018. 175 p.

Pausa para Conversar

Antes de seguir, pense com a gente:

Quando você ouviu pela primeira vez que uma mulher, uma pessoa LGBTQIAPN+, uma pessoa negra, uma pessoa gorda, uma pessoa com deficiência ou qualquer corpo dissidente estava “exagerando” ao denunciar uma violência?



E quando isso aconteceu numa cena de humor?

Às vezes, o problema não está em “**não saber brincar**”. Às vezes, o problema está em perceber **quem sempre foi autorizado a brincar** - e **quem sempre precisou aguentar a brincadeira em silêncio**.

Na live que deu origem a este material, uma ideia atravessa toda a conversa: **o humor não é automaticamente libertador**. Ele depende do lugar de onde parte, de quem cai e do serviço de qual estrutura opera.

Então, antes de rir, talvez valha a pena perguntar:

Estou rindo com
alguém ou de alguém?



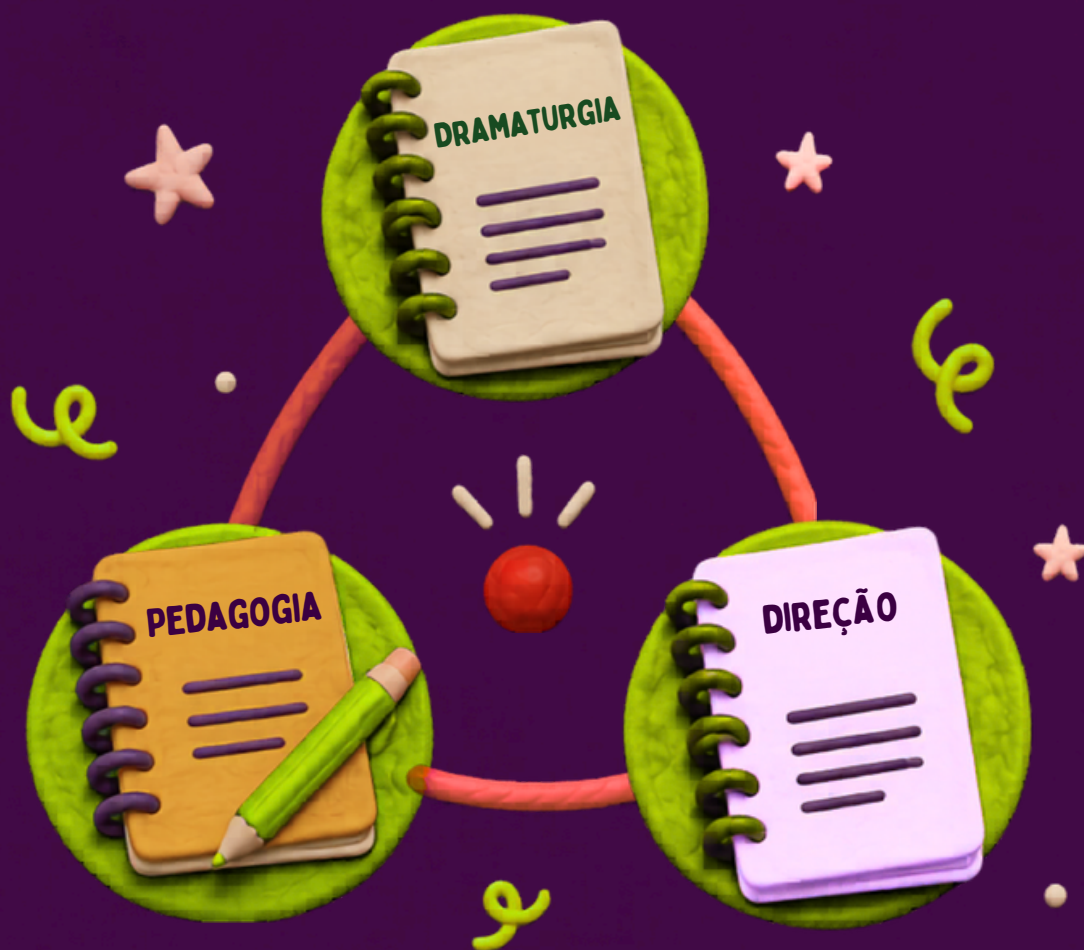
Capítulo 2

A Tríade da Criação e o Código do Riso

Na palhaçaria feminista, três conceitos caminham obrigatoriamente juntos e não podem ser dissociados sem que o trabalho perca sua integridade:

Dramaturgia, Pedagogia e Direção. Esse é um dos pilares centrais da metodologia do Circo di SóLadies | Nem SóLadies, diretamente derivado das discussões do espetáculo "Choque-Rosa".

Essa ligação não é acidental. Ela responde a uma questão prática: como evitar que uma cena feminista reproduza inconscientemente as mesmas lógicas que critica? A resposta está em tratar esses três elementos como indissociáveis.



2.1 Dramaturgia - o que a cena diz sobre o mundo

A dramaturgia feminista parte de uma premissa radical: não existe texto neutro. Toda escolha dramatúrgica é uma escolha política. Quem fala? Quem é silenciado? Quem tem o domínio? Quem é o objeto da cena e quem é o sujeito dela?



Na tradição da palhaçaria clássica, o texto — ou a falta dele — muitas vezes mostrava o corpo da mulher como material cômico, manipulado por um olhar masculino. A palhaçaria feminista faz o contrário: o corpo vira o lugar de fala, não o alvo do riso dos outros.



O riso depreciativo *versus* o riso libertador

Durante décadas, programas de televisão de grande audiência usaram a figura do apresentador homem branco cisgênero para extrair um riso fácil — frequentemente às custas da humilhação do corpo da mulher. O estereótipo das dançarinas em programas de auditório (e a lógica que o sustentava) é um exemplo contundente dessa estrutura: corpos femininos servindo de suporte ao humor alheio.

A palhaçaria feminista combate essa prática: o riso que ri do corpo, não com o corpo; que humilha em vez de reconhecer; que reforça hierarquias em vez de questioná-las.



Na tradição da palhaçaria clássica, o texto — ou a falta dele — muitas vezes mostrava o corpo da mulher como material cômico, manipulado por um olhar masculino. A palhaçaria feminista faz o contrário: o corpo vira o lugar de fala, não o alvo do riso dos outros.

O humor não é em si mesmo feminista ou machista.
O que define seu caráter político é quem ri, de quem
se ri, e a favor de qual estrutura esse riso opera.
Circo di SóLadies | Nem SóLadies | Live do coletivo, 2023

2.2 Pedagogia - O Processo de Aprendizado

A pedagogia é fundamental. Ela não se limita ao que é ensinado, mas sim a como o aprendizado ocorre. Isso inclui as relações de poder na sala de aula, as metodologias utilizadas e os papéis de quem ensina e de quem aprende.

Nossa abordagem se baseia na Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire⁴, que entende o ensino como algo mais do que a mera transmissão de informações: é a criação de oportunidades para a construção do conhecimento. O educador não detém todo o saber; ele colabora com os outros na descoberta de novos conhecimentos.

Ensinar não é transferir conhecimento, mas
criar as possibilidades para a sua produção
ou a sua construção.

Paulo Freire | Pedagogia da Autonomia, 1996, p. 25

4 FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 146 p.

CURIOSIDADE HISTÓRICA

O nariz vermelho não é a origem de tudo

O nariz vermelho se tornou um dos signos mais reconhecidos da palhaçaria moderna, especialmente a partir da consolidação do circo europeu e da figura do augusto — esse palhaço atrapalhado, excessivo, de corpo desajustado e relação direta com o fracasso.

Entretanto a história da comicidade não começa nem termina nesse símbolo. Como lembra Alice Viveiros de Castro, o palhaço não é uma figura exclusiva do circo: diferentes culturas criaram seus bobos, bufões, clowns, jograis, excêntricos e figuras cômicas muito antes e para além do picadeiro. No Brasil, essa história também passa pelas festas, folguedos e tradições populares.

Figuras como Mateus, Birico e Catirina, presentes em manifestações do ciclo do boi, assim como personagens cômicas do mamulengo, revelam outras formas de fazer rir: com improviso, música, dança, crítica social, corpo brincante e relação viva com o público. Ou seja: antes de caber no nariz vermelho, o riso brasileiro já habitava bonecos, máscaras, cantos, ruas, festas e comunidades.

Por isso, quando a palhaçaria feminista pergunta “quem ficou fora da história?”, ela também está perguntando: quais corpos, saberes e tradições foram tratados como menores porque não cabiam na imagem clássica, branca, masculina e eurocentrada do palhaço?



5 CASTRO, Alice Viveiros de. O elogio da bobagem: palhaços no Brasil e no mundo. Rio de Janeiro: Editora Família Bastos, 2005.

A green magnifying glass with a black handle is positioned above a stylized eye made of clay. The eye has a green iris and black eyelashes.

A purple spiral-bound notebook with a yellow pencil resting on it, set against a background of horizontal blue lines.



✓ Pausa para Conversar ✓

Uma pergunta para levar para o corpo:

A palhaçaria costuma pedir exposição, mas exposição não precisa ser humilhação, concorda?

Existe uma grande diferença entre experimentar o ridículo como linguagem artística e passar por uma situação de constrangimento só para “aprender na marra”.



Uma pedagogia feminista pode construir coragem em coletivo.

Então, olha para sua trajetória e pergunta:

- Em que momentos chamei de formação aquilo que, no fundo, era medo?
- O que em mim criou casca para sobreviver a processos violentos?
- E o que poderia aparecer na minha palhaçaria se eu não precisasse mais pedir autorização para existir em cena?



Capítulo 3

☀ O Conceito "Caixa" e as Amarras das Normas Clássicas ☀

Durante a conversa que deu origem a este material, uma ideia surgiu com força: o conceito “caixa”.

Existem uma prática e conceitos da palhaçaria tradicional, que a gente aqui chama carinhosamente de **“A Bíblia da Palhaçaria”** — um conjunto de normas, expectativas e exigências não escritas, mas poderosamente operantes, que define o que é ou não é uma palhaçaria legítima. Essa “bíblia” tenta enquadrar corpos diversos em fôrmas pré-estabelecidas, criando uma "caixa" que exclui sistematicamente os corpos que mais precisariam de um espaço para a expressão criativa.

Na palhaçaria tradicional, essa caixa muitas vezes aparece disfarçada de técnica, de excelência ou de tradição. Ela diz que uma pessoa só será reconhecida como palhaça se dominar certas habilidades: malabares, acrobacias, mágica, música, quedas, gags clássicas e tempo cômico já consagrado. Essas ferramentas podem ser importantes, sim. O problema começa quando elas deixam de ser possibilidades e passam a funcionar como regra, como forma certa de se fazer.





A caixa da palhaçaria tradicional não afeta todos os corpos da mesma maneira. Mulheres, pessoas trans, pessoas não binárias, pessoas negras, pessoas com deficiência, corpos gordos, corpos pobres, corpos dissidentes e artistas que não tiveram acesso a escolas formais de circo costumam ser cobrados com mais dureza. Precisam provar competência o tempo todo. Precisam mostrar que “também sabem”. Precisam caber numa régua que não foi concebida com as suas trajetórias em mente.

Afinal, quais corpos cabem dentro da tal caixa? O formato dessa caixa foi criado a partir de quais corpos e de quais existências? Talvez o problema não seja a pessoa que não cabe. Talvez o problema seja a caixa.

Quando falamos em sair da caixa, não estamos falando em abandonar a técnica ou a excelência artística, nem em rejeitar tudo o que veio antes.

Sair da caixa é mais complexo. É olhar para a tradição e perguntar: o que aqui me serve? O que aqui me expande? O que aqui me domestica? O que aqui foi tratado como universal, mas que, na verdade, nasceu de uma experiência muito específica: branca, masculina, cisgênera, heteronormativa, eurocentrada e capacitista?

A caixa também aparece no modo de ensinar a palhaçaria. Aparece quando uma aula transforma humilhação em método. Quando o erro vira punição. Quando a pessoa em formação precisa suportar violência para provar que tem coragem. Quando se confunde exposição cômica com constrangimento. Quando o riso é produzido sobre o corpo vulnerável, e não junto a ele.

A palhaçaria feminista propõe outra pergunta: que tipo de presença pode nascer quando o corpo não precisa se defender o tempo todo?

Sair da caixa pode ser um ato artístico, político e pedagógico. É reconhecer que a técnica também nasce da escuta e que a história de cada corpo é material para a cena. A comicidade não precisa repetir o mundo como ele é; pode mostrar o absurdo do mundo e abrir espaço para imaginar outras formas de existir.



3.1 A ditadura das habilidades técnicas clássicas

Editais, escolas e coletivos clássicos costumam exigir que a pessoa palhaça domine malabares, acrobacia, mágica ou música para ser considerada "palhace de verdade". Essa exigência não é neutra: ela carrega a herança de um circo eurocêntrico, cis, heteromasculino, branco e capacitista — que define como "habilidade técnica" aquilo que corpos privilegiados aprenderam a valorizar.

Na prática, essa exigência opera como um filtro de exclusão: mulheres negras, pessoas com deficiência, artistas de classes populares sem acesso a escolas de circo têm muito mais dificuldade em cumprir esses requisitos — não por falta de talento ou dedicação, mas por falta de acesso às condições materiais que permitem esse tipo de formação.

VOCÊ SABIA?

No Brasil, a palavra “palhaça” existe como feminino de “palhaço”, mas sua circulação como nome de ofício, pesquisa artística e identidade profissional ganha força sobretudo a partir das décadas de 1980 e 1990, quando mulheres começam a ocupar com mais visibilidade a palhaçaria no teatro, no circo e nas escolas de formação circense. Antes disso, a palhaçaria era majoritariamente associada aos homens, enquanto as mulheres no circo eram frequentemente deslocadas para funções ligadas à beleza, à graça, à assistência de cena ou às habilidades acrobáticas. A entrada das mulheres como palhaças não foi apenas uma mudança de elenco: foi uma disputa de linguagem, corpo, riso e poder.⁶

⁶ Para aprofundar a discussão sobre a entrada e a visibilidade de mulheres na palhaçaria brasileira a partir das décadas de 1980 e 1990, ver Silva (2015) e Santos (2014).

3.2 O que a palhaçaria feminista reconhece como técnica



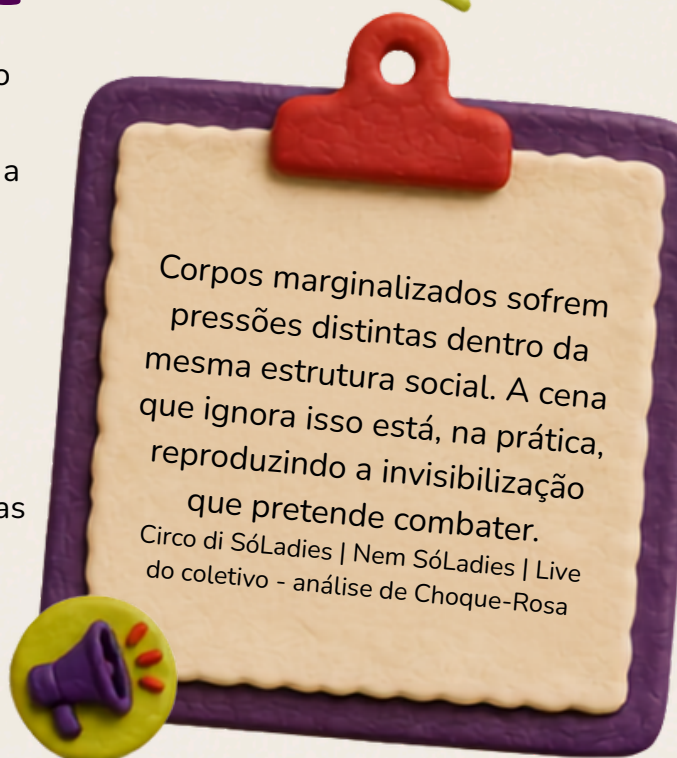
A ruptura central da palhaçaria feminista com a clássica reside em ampliar radicalmente o que se considera "habilidade técnica". Para o coletivo, as seguintes capacidades são técnicas de alta complexidade — e frequentemente mais difíceis de desenvolver do que o malabarismo:

- A fala e o silêncio como instrumentos dramáticos precisos;
- A presença cênica construída a partir da vivência real e do corpo habitado;
- O olhar direto para a plateia como ato político de recusa ao espetáculo passivo;
- A vulnerabilidade exposta como escolha consciente e não como fraqueza involuntária;
- A escuta ativa do espaço, do público e das outras artistas em cena.

3.3 A interseccionalidade na cena - análise do espetáculo Choque-Rosa

Uma das escolhas dramáticas mais significativas do espetáculo "Choque-Rosa" ilustra diretamente o conceito de interseccionalidade: a palhaça negra inicia a cena visivelmente mais sobrecarregada pelas amarras estruturais do que as demais — não como detalhe simbólico, mas como dado dramático fundamental.

Essa escolha comunica algo que qualquer descrição verbal levaria muito mais tempo para articular: que os corpos marginalizados não carregam o mesmo peso das estruturas opressoras. Uma mulher negra no Brasil carrega simultaneamente o racismo estrutural, o sexismo e, frequentemente, o apagamento de classe. Isso não é exagero dramático — é realidade.



Corpos marginalizados sofrem pressões distintas dentro da mesma estrutura social. A cena que ignora isso está, na prática, reproduzindo a invisibilização que pretende combater.

Circo di SóLadies | Nem SóLadies | Live do coletivo - análise de Choque-Rosa



3.4 Mas o que há de problemático na palhaçaria clássica?

Quando falamos sobre palhaçaria feminista, não estamos dizendo que toda tradição da palhaçaria é ruim. Estamos dizendo que grande parte da dramaturgia clássica foi criada em uma sociedade profundamente desigual — e isso aparece nas histórias, nos personagens e nas formas de produzir o riso.

Em pesquisa sobre a dramaturgia da palhaçaria clássica brasileira, as pesquisadoras Ana Cristina Valente Borges e Karla Abrantes Concá analisaram 46 entradas cômicas presentes no livro *Palhaços*, de Mário Fernando Bolognesi, e identificaram a recorrência de violência, humilhação, sexualização do contexto, objetificação das mulheres, reforço de estereótipos de gênero e tratamento pejorativo da homossexualidade. Em muitas dessas cenas, o riso era produzido justamente a partir da inferiorização de alguém.⁷

As mulheres, quando apareciam nessas dramaturgias, raramente ocupavam o centro da ação cômica. Frequentemente surgiam como prêmio, objeto de disputa, interesse amoroso, personagem ingênua, esposa controladora ou figura sexualizada. Em vez de conduzir a narrativa, serviam para impulsionar a história dos personagens masculinos.

As autoras observam que:

"A dramaturgia da palhaçaria clássica é pautada exclusivamente pelas perspectivas e olhares masculinos, refletindo expectativas e valores patriarcais."



⁷ Reflexões baseadas no capítulo "A neutralização da mulher na dramaturgia da palhaçaria clássica no Brasil", de Ana Cristina Valente Borges e Karla Abrantes Concá. No estudo, as autoras analisam 46 entradas cômicas presentes no livro **Palhaços**, de Mário Fernando Bolognesi, investigando como as relações de gênero aparecem na dramaturgia tradicional da palhaçaria brasileira.

Ao analisar essas dramaturgias, Borges e Concá encontraram violência em mais da metade dos números estudados. Também identificaram situações recorrentes de objetificação e sexualização das mulheres, constrangimento, reforço de estereótipos de gênero e tratamento pejorativo da homossexualidade.

Em alguns dos números analisados, personagens femininas aparecem como recompensas a serem conquistadas ou disputadas entre homens. Em outros, são retratadas como incapazes, submissas ou excessivamente emocionais. Há ainda situações em que a comicidade é construída a partir da humilhação pública, da violência física ou psicológica e do controle sobre os corpos femininos. O problema não está apenas na ausência de mulheres como protagonistas do riso, mas também nos modos como elas são representadas quando aparecem em cena.

Isso não significa cancelar a história da palhaçaria. Significa olhar para ela com honestidade. Entender que muitas das convenções consideradas "naturais" foram construídas dentro de uma lógica que colocava homens como protagonistas da ação e mulheres como personagens secundárias, decorativas ou ridicularizadas.

A palhaçaria feminista surge justamente desse questionamento. Ela pergunta: é possível produzir riso sem precisar humilhar alguém? É possível construir comicidade sem transformar corpos em alvo? É possível criar personagens que escapem dos papéis que a sociedade reservou para eles?

Nossa resposta é sim. E talvez seja justamente aí que comece o desencaixe.





Para cada regra: a quem ela favorece? A quem ela exclui? É possível fazer uma boa palhaçaria sem essa regra?



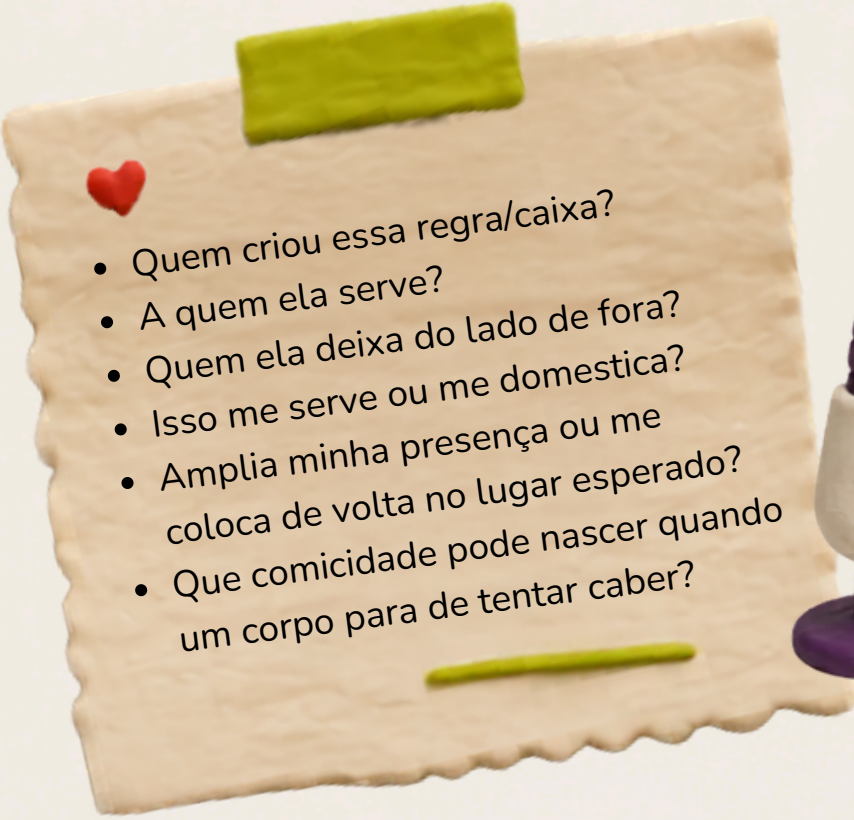
Pausa para Conversar

Sobre sair da caixa:

A caixa, muitas vezes, vem disfarçada de técnica, tradição, excelência, bom gosto, experiência, “sempre foi assim”. Ela diz quem pode fazer palhaçaria, quem pode ser mestre, quem pode errar, quem pode ocupar o centro, quem precisa provar valor o tempo todo.

Por isso, quando falamos em desencaixar, não estamos falando em abandonar tudo o que veio antes. Estamos falando de escolher com consciência.

Se perguntar:

- 
- Quem criou essa regra/caixa?
 - A quem ela serve?
 - Quem ela deixa do lado de fora?
 - Isso me serve ou me domestica?
 - Amplia minha presença ou me coloca de volta no lugar esperado?
 - Que comicidade pode nascer quando um corpo para de tentar caber?



Capítulo 4

A Metodologia da Colcha de Retalhos

Se a "caixa" é o problema — as regras rígidas que excluem corpos e saberes —, a colcha de retalhos é a solução metodológica proposta pelo coletivo. A metáfora, inspirada no artigo de Maria Brígida de Miranda⁸ sobre epistemologias feministas nas artes da cena, descreve uma pedagogia que parte do múltiplo, do fragmentado, do coletivo.

A colcha de retalhos é uma prática antiga das mulheres: elas se juntam para costurar pedaços de tecidos usados, memórias e fragmentos do dia a dia, transformando o que seria descartado em uma obra coletiva. Como metáfora pedagógica, ela é forte por rejeitar a hierarquia do conhecimento e a ideia de um único método universal.



8 MIRANDA, Maria Brígida de. Colcha de memórias: epistemologias feministas nos estudos das artes da cena. Urdimento — Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 3, n. 33, p. 231-248, dez. 2018.

4.1 As quatro camadas da colcha

A metodologia da colcha de retalhos aplicada à palhaçaria feminista opera em quatro camadas que se sobrepõem e se interpenetram.

1. Técnicas úteis da palhaçaria tradicional - não se trata de jogar fora o aprendizado clássico, mas de escolher, com consciência crítica, quais elementos servem à criação feminista e quais precisam ser revisados ou descartados.

2. Teorias feministas de libertação - os escritos de bell hooks, Márcia Tiburi, Silvia Federici, Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez e outras pensadoras que oferecem ferramentas conceituais para nomear e analisar o que o corpo sente, mas ainda não consegue articular em palavras.

3. Histórias, dores, marcas e alegrias de cada participante - o material biográfico de quem cria é considerado dramático de alta relevância, não uma confissão terapêutica a ser mantida fora da cena.

4. Construção coletiva e horizontal - o aprendizado não flui de uma única voz autorizada para os demais: ele emerge do encontro, do atrito criativo, da escuta mútua.

“

A colcha de retalhos, como metáfora pedagógica, me diz que não há um único caminho para as práticas teatrais feministas. Há uma multiplicidade de caminhos que se cruzam, se distanciam, se contradizem e se enriquecem mutuamente.

Maria Brígida de Miranda | Colcha de Memórias: Epistemologias Feministas, Urdimento, v. 3, n. 33, 2018, p. 233

4.2 Costurando em coletivo - a horizontalidade no aprendizado



Um dos aspectos mais transformadores da metodologia da colcha é a recusa da hierarquia vertical do conhecimento. Na pedagogia freireana que inspira o trabalho do grupo, a pessoa educadora não é a "dona do saber" que transfere conhecimento a pessoas alunas passivas. Ela é, ao mesmo tempo, quem ensina e quem aprende.

Na prática das oficinas do Circo di SóLadies | Nem SóLadies, isso se traduz em estruturas de trabalho em que as pessoas participantes são incentivadas a trazer suas próprias referências, suas próprias metodologias corporais e suas próprias análises — e em que o conflito entre perspectivas diferentes não é evitado, mas sim trabalhado como material criativo.

Assim como uma colcha de retalhos não apaga as marcas dos tecidos que a compõem, a criação em palhaçaria também pode nascer de fragmentos: memórias, fracassos, gestos herdados, histórias interrompidas, restos de mundo. O que parecia pequeno, torto ou sem valor pode ganhar outro desenho quando colocado em relação. Criar, nesse sentido, não é buscar uma forma perfeita, mas costurar presenças — reconhecendo que cada corpo carrega seus próprios retalhos de história.



CURIOSIDADE HISTÓRICA

As colchas de retalho

As colchas de retalho, conhecidas como *quilts*, ocupam um lugar importante na cultura afro-americana. Muito além de uma prática doméstica, o *quilting* foi, em diferentes comunidades negras dos Estados Unidos, uma forma de preservar histórias, criar redes de apoio, garantir subsistência e transmitir saberes coletivos. Em lugares como Gee's Bend, no Alabama, mulheres negras transformaram retalhos em linguagem visual, memória familiar e resistência cultural.

Há também uma tradição oral bastante difundida segundo a qual certos padrões de colchas teriam sido usados, durante o período da escravidão, como mensagens codificadas ligadas às rotas de fuga da Underground Railroad. Essa narrativa, porém, é debatida por historiadores, pois não há documentação direta que comprove seu uso como sistema organizado. Ainda assim, a imagem permanece poderosa: aquilo que parecia sobra — pedaços de tecido, fragmentos de vida, restos do mundo — pode ser costurado como memória, proteção e invenção coletiva.⁹



⁹ A relação entre *quilts*, tradição e resistência em comunidades negras dos Estados Unidos aparece em Anne Silva, “Quilts: colchas de retalho históricas como resistência e tradição em comunidades negras dos EUA”, publicada na *Revista Fórum*, e em materiais do Smithsonian Institution sobre colchas afro-americanas. A narrativa específica dos *quilts* como códigos secretos da Underground Railroad foi popularizada a partir de tradição oral, mas é considerada controversa por instituições como o National Park Service, que aponta a ausência de documentação histórica direta sobre esse uso sistemático.



A whimsical illustration of a stage set. The stage is a wooden platform with a purple archway and curtains. A spotlight shines down on the stage, illuminating a red heart and a yellow star. A small yellow star is also visible on the stage. The background consists of horizontal lines, suggesting a stage or a backdrop.



Pausa para Conversar

Toda pessoa chega à cena carregando um acervo

Tem memória no jeito de andar.

Tem história no modo de rir, no medo de errar, na forma como o corpo pede licença.

O que acontece quando sua história deixa de ser um problema e passa a ser material de criação?

Qual parte da sua história sempre lhe disseram para esconder?

E se for justamente aí que mora a sua força cômica?



Capítulo 5

Guia Prático para Oficinas e Criação de Cenas



A estrutura de uma aula ou de um processo criativo sob a ótica da palhaçaria feminista baseia-se, em seu núcleo, na Pedagogia da Autonomia e da Libertação de Paulo Freire — uma pedagogia que parte do pressuposto de que a educação genuína é sempre um ato político e de que não existe prática pedagógica neutra.



5.1 O não-uso da humilhação como dispositivo pedagógico

Um dos traços mais marcantes — e mais controversos — da metodologia feminista em relação à pedagogia clássica da palhaçaria é a recusa radical ao uso da humilhação como ferramenta de ensino.

Em muitas escolas e em processos tradicionais de palhaçaria, a "exposição ao ridículo" é tratada como um recurso pedagógico necessário — o argumento é que a pessoa que está ali para aprender precisa aprender a lidar com o fracasso e o constrangimento. O problema é que esse método confunde a gestão do próprio ridículo (que é, de fato, uma habilidade da palhaçaria) com a produção de ridículo sobre os outros (que é um dispositivo de controle).

A humilhação como ferramenta pedagógica não forma palhaças e palhaces corajosas/es. Ela forma corpos com medo de existir em cena — corpos que precisam pedir permissão para ocupar o espaço.

Circo di SóLadies | Nem SóLadies | Live do coletivo, 2023

A pedagogia feminista compreende a humilhação como um dispositivo de controle que poda a criatividade, reforça as hierarquias de poder e reproduz, no processo pedagógico, a mesma estrutura opressora que a palhaçaria feminista pretende questionar em cena.



5.2 Acolhimento, vulnerabilidade e escuta ativa



Como a palhaçaria mexe com as camadas mais frágeis da experiência humana — o medo do julgamento, a vergonha do corpo, a exposição da fragilidade — o espaço de ensaio e de oficina precisa ser estruturado com cuidado deliberado.

Acolhimento não significa ausência de desafio. Significa que o desafio ocorre em um ambiente em que a participante sente que pode correr o risco — porque há confiança, porque há escuta, porque o erro não será usado como arma contra ela.



"Sair da caixa é um ato de coragem profissional e artística. E coragem se aprende em coletivo."
Circo di SóLadies | Nem SóLadies | Live do coletivo, 2023

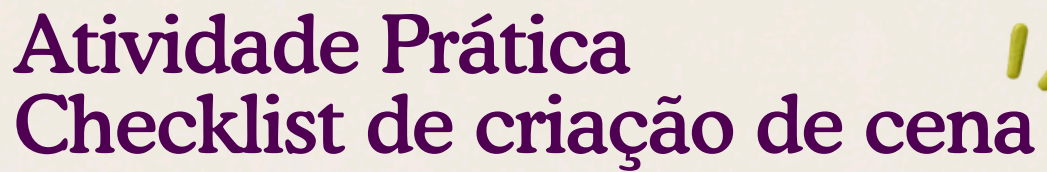


5.3 O formato espiral - aprendizado não-linear

Uma das contribuições de nossa pesquisa em pedagogia feminista, somada ao processo criativo, é o entendimento de uma forma espiral em oposição a modelos lineares de aprendizagem. No modelo linear, o aprendizado tem começo, meio e fim bem definidos — supõe-se que a pessoa comece sem saber, progrida de forma mensurável e alcance o domínio técnico.

Como afirma Freire, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou construção”. Nesse sentido, aprender é voltar ao mesmo ponto muitas vezes, mas nunca da mesma forma: a cada retorno, o corpo, a escuta e a consciência já estão diferentes.

Na pedagogia espiral, o aprendizado vai e volta, aprofunda-se e se manifesta em camadas. A mesma questão pode voltar em diferentes momentos do processo, sempre mostrando algo novo. A pessoa facilitadora não está acima do processo; ela também aprende, é afetada e se transforma.



- 1 Qual símbolo opressor quero desconstruir?
- 2 Que vivência do meu corpo entra nesta colcha de retalhos?
- 3 Em que momento o público vai reconhecer o absurdo do machismo?
- 4 Qual é o gesto final de libertação da minha palhaça?



5.4 Algumas dicas para começar a criar seu processo

Uma metodologia feminista não tem um caminho único. Nós somos um grupo que, há mais de uma década, pesquisa, cria, erra, refaz e discute o que pode ser a palhaçaria feminista. E talvez a primeira coisa importante seja justamente essa: ela está em construção.

Não existe uma única verdade sobre palhaçaria, feminismo, riso ou cena. Desconfiamos de quem se coloca como dono absoluto do caminho. A lógica patriarcal gosta de tronos, regras finais e vozes que mandam. Nossa prática busca outro caminho: mais horizontal, atento e envolvido.

Então, em vez de um manual fechado, deixamos aqui algumas pistas. Conselhos de quem segue pesquisando. Retalhos de experiência. Coisas que aprendemos no corpo, na cena, na oficina, no encontro com o público e também em muitos momentos em que tivemos de parar e questionar o processo.

♥ Comece perguntando do que você está rindo 

Antes de criar uma cena, pergunte: quem vira motivo de riso aqui? O público ri com essa pessoa ou ri dela? Esse riso abre o pensamento ou reforça uma violência antiga?

♥ Não confunda vulnerabilidade com violência 

A palhaçaria mexe com o erro, a exposição, o fracasso e a fragilidade. Mas isso não significa que os processos de criação e de aprendizagem precisem ser violentos. A humilhação encolhe o corpo, produz medo. Uma pedagogia feminista pode desafiar muito — mas desafio não é sinônimo de constrangimento.

♥ **Investigue a sua caixa**

Toda pessoa carrega consigo padrões e estruturas de comportamento que, muitas vezes, não são uma escolha, mas sim algo imposto culturalmente. Investigue-se. Observe-se. Essa caixa padrão pode ser usada para criar ou está te aprisionando? Pergunte-se: quem construiu essa caixa? A quem ela serve? Quais partes minhas ficaram do lado de fora para que eu coubesse?

♥ **Amplie o que você entende como técnica**

Malabares, acrobacia, música e mágica podem ser técnicas preciosas. Mas elas não são as únicas. Escuta é técnica. Presença é técnica. Silêncio é técnica. Olhar é técnica. Sustentar uma pausa diante do público é técnica. Transformar uma vivência em cena sem se violentar é técnica. Criar coletivamente, sem apagar a outra pessoa, também é técnica.

♥ **A tradição pode trazer muitas ferramentas, mas não se limite a ela**

A palhaçaria tradicional dispõe de muitas ferramentas importantes. Uma prática feminista pode aprender com o que veio antes, mas precisa ter coragem de perguntar: isso ainda serve? Para quem? Quem ficou fora dessa história? Que outras referências foram consideradas menores por não caberem no centro?

♥ **Faça da sua história um ponto de partida**

Sua trajetória importa. Suas marcas, alegrias, medos e contradições podem ser material de criação. Cada pessoa chega à cena com um corpo atravessado por memórias, referências, marcas, alegrias, medos, modos de falar, de andar, de se defender e de desejar. Tudo isso pode alimentar a criação: não como confissão, nem como obrigação de transformar a própria vida em espetáculo, mas como material sensível para investigar a presença, a comicidade e a relação com o mundo.



♥ Crie com outras pessoas, o coletivo é muita potência

Criar coletivamente exige muita escuta e troca. Essa troca gera conflito, diferença, negociação, limite e reparação, mas é muito potente. Criar em coletivo não é concordar o tempo todo. É construir um espaço no qual a discordância possa virar pensamento e não disputa por poder.

♥ Procure gesto de libertação

Em uma cena feminista, não basta mostrar a opressão. O público já conhece a opressão, muitas vezes até demais. A pergunta é: onde está a virada? Onde o corpo recusa o lugar imposto? Onde o riso desmonta a estrutura? Onde a palhaça, palhace ou palhaço encontra uma fresta para respirar diferente?

♥ Lembre que desencaixar é processo

Você não precisa resolver tudo em uma cena, uma oficina, um espetáculo ou um e-book. Desencaixar é contínuo. Tem dia em que a gente sai da caixa. Tem dia que descobre uma caixa dentro da outra — igual àqueles potes de cozinha em que ninguém sabe a qual tampa pertence a qual pote, só que com patriarcado. A diferença é que, agora, a gente começa a perceber o mecanismo. E quando percebe, já não cabe do mesmo jeito.

Conclusão

#Desencaixei

Criar arte sob a lente do feminismo é, acima de tudo, um ato de generosidade: generosidade com as próximas pessoas artistas que vêm depois, com os públicos que precisam ver seus corpos e suas histórias na cena, com as tradições que podem ser questionadas para se transformarem.

Sair da caixa não significa abandonar a técnica. Significa recusar que a técnica se torne um critério de exclusão. Significa reconhecer que há múltiplas formas de saber, de fazer, de rir e de fazer rir.

O #Desencaixei é um processo contínuo. A colcha nunca está pronta. Sempre há um novo retalho a ser costurado, um novo nó a ser desfeito, um novo absurdo a ser exposto em cena e celebrado com o riso que liberta.



Criar novos espaços nos quais
identidades dissidentes
possam existir e resistir através
do riso não é um luxo artístico. É
uma necessidade política.
Circo di SóLadies | Nem SóLadies | Live do
coletivo, 2023

Este material foi criado para ser usado,
rasgado, ampliado e devolvido em outras
formas. Leve para sua sala de ensaio, para
seu coletivo, para sua oficina. Acrescente
seus próprios retalhos. É isso que uma
colcha feminista pede.

QUER NOS DEIXAR UM DEPOIMENTO?
Conte pra gente o que essa leitura provocou em você
— por texto, áudio ou vídeo. Seu depoimento
fortalece nossa pesquisa e ajuda este material a
chegar a outras pessoas.

QUERO DEIXAR MEU DEPOIMENTO





Referências Bibliográficas



Obras citadas neste e-book:

BORGES, Ana Cristina Valente; CONCÁ, Karla Abrantes. A neutralização da mulher na dramaturgia da palhaçaria clássica no Brasil. In: WUO, Ana; BRUM, Daiani (org.). **Palhaças na Universidade: pesquisas sobre a palhaçaria feita por mulheres e as práticas feministas em âmbitos acadêmicos, artísticos e sociais**. Santa Maria: Editora UFSM, 2018. p. 198-214.

CASTRO, Alice Viveiros de. **O elogio da bobagem: palhaços no Brasil e no mundo**. Rio de Janeiro: Editora Família Bastos, 2005.

CIRCO DI SÓLADIES | NEM SÓLADIES. **Palhaça feminista existe? | Pedagogia na palhaçaria**. [Transmissão ao vivo]. [S. l.]: YouTube, 2023. 1 vídeo. Disponível em: https://www.youtube.com/live/HiyM41FAx8s?si=a_AAzN-zf-rZsKe9. Acesso em: 9 jun. 2026.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 146 p. (Coleção Leitura).

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Tradução de Ana Luiza Libânio. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. 175 p. Título original: *Feminism is for everybody: passionate politics*.

MIRANDA, Maria Brígida de. Colcha de memórias: epistemologias feministas nos estudos das artes da cena. **Urdimento — Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 3, n. 33, p. 231-248, dez. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573103332018231>. Acesso em: 9 jun. 2026.

SANTOS, Sarah Monteath dos. **Mulheres palhaças: percursos históricos da palhaçaria feminina no Brasil**. 2014. Dissertação (Mestrado em Artes) — Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/handle/11449/108810>. Acesso em: 9 jun. 2026.

SILVA, Amanda Dias Leite Ferreira da. **Aspectos do processo de abertura à participação feminina na palhaçaria brasileira: especificidades da produção carioca nas décadas de 1980 e 1990**. 2015. Dissertação (Mestrado em Artes) — Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/EBAC-ABFMX2>. Acesso em: 9 jun. 2026.

SILVA, Anne. Quilts: colchas de retalho históricas como resistência e tradição em comunidades negras dos EUA. **Revista Fórum**, 26 fev. 2025. Atualizado em: 3 dez. 2025. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/cultura/quilts-colchas-de-retalho-historicas-como-resistencia-e-tradicao-em-comunidades-negras-dos-eua/>. Acesso em: 9 jun. 2026.

TIBURI, Márcia. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. 126 p.

Leituras complementares recomendadas



ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BRUM, Daiani Cezimbra Severo Rossini. A atuação de mulheres como palhaças: resistência e subversão. **Revista Ártemis**, João Pessoa, v. 26, n. 1, p. 157-174, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/download/42096/21720>. Acesso em: 9 jun. 2026.

BRUM, Daiani Cezimbra Severo Rossini. Mulheres palhaças e a política uterina de expansão: entrevista com Karla Concá. **Urdimento — Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 3, n. 33, p. 455-468, dez. 2018. DOI: 10.5965/1414573103332018455. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573103332018455>. Acesso em: 9 jun. 2026.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecendo o feminismo. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

PIMENTA, Fernanda Dias de Freitas. A palhaçaria feminista do Circo di SóLadies | Nem SóLadies. **Urdimento — Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 1, n. 46, p. 1-27, abr. 2023. DOI: 10.5965/1414573101462023e0503. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/23244>. Acesso em: 9 jun. 2026.

PIMENTA, Fernanda; CORDEIRO, Karla Abranches; GUEDES, Larissa Sttéfany de Paula; BORGES, Ana Cristina Valente. A subversão das palhaças: uma entrevista com Karla Concá. **Conceição/Conception**, Campinas, v. 11, p. e022018, 2022. DOI: 10.20396/conce.v11i00.8671116. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conce/article/view/8671116>. Acesso em: 9 jun. 2026.

TIBURI, Márcia. **Ridículo político: uma investigação sobre o risível, a manipulação da imagem e o esteticamente correto**. Rio de Janeiro: Record, 2017.

◆ *Circo di SóLadies | Nem SóLadies • E-book Desencaixe! • São Paulo, 2026* ◆
circodisoladies.com.br